

**URBANISMO REGULAR, OCUPAÇÃO DAS TERRAS E RELAÇÕES INTERÉTNICAS NA
MAGNA GRÉCIA**
REGULAR URBANISM, LAND OCCUPATION AND INTERETHNICAL RELATIONS IN
MAGNA GRAECIA

Airton Pollini

Vol. XV | n°29 | 2018 | ISSN 2316 8412



Urbanismo regular, ocupação das terras e relações interétnicas na Magna Grécia¹

Airton Pollini²

Resumo: O Sul da Itália é provavelmente a região mais bem conhecida do Mundo Grego Antigo. Algumas fontes escritas, mas principalmente os estudos arqueológicos realizados desde um longo tempo permitiram o desenvolvimento de pesquisas em vários aspectos no cerne da temática da colonização grega. Este trabalho se concentra sobre três aspectos essenciais: a apropriação do espaço colonial, a interação com as populações indígenas e a urbanização das novas instalações.

Palavras-chave: Magna Grécia; Espaço; Indígenas; Urbanização.

Abstract: The South Italy is probably the best known region of the ancient Greek colonial world. Some written sources but especially archaeological work undertaken for a long time allowed the development of research on several aspects at the heart of the issues of Greek colonization. This paper concentrates on three essential aspects: the appropriation of colonial space, the interaction with the Natives, and the urbanization of new establishments.

Keywords: Magna Graecia; Space Natives; Urbanization.

A MAGNA GRÉCIA

A região que se estende da baía de Nápoles até os confins da Península Itálica é conhecida pelos especialistas em História Grega pela denominação "Magna Grécia". Esta expressão é a tradução literal dos termos gregos *Megale Hellas*, cuja versão em latim é *Magna Graecia* ou *Graecia Maior* (cf. Atti Taranto 1981; MUSTI, 1988). No entanto, a origem grega da expressão não resolve o problema de sua definição. A extensão do espaço abrangido pela *Megale Hellas* não é sempre a mesma dependendo das fontes escritas consideradas. De fato, foi demonstrado que a Magna Grécia era um conceito criado após a vitória da cidade de Crotona sobre sua vizinha Síbaris, em 511 a.C. (ver abaixo), pela tradição de origem crotoniata, muito provavelmente desenvolvida pelos círculos pitagóricos influentes em Crotona (cf. AMERUOSO, 1996). Assim, no século V a.C., estima-se que a Magna Grécia correspondia ao espaço delimitado por um triângulo formado pelas cidades de Metaponto, ao leste, Poseidônia, ao oeste, e Régio (atual Reggio di Calabria), na extremidade sul da península. O próprio fato de os pontos de delimitação formarem um triângulo é um elemento na base da identificação de sua origem provavelmente pitagórica. Assim, as cidades gregas da baía de Nápoles (Pitecusa, Cuma e Nápoles – **ver o artigo de A. Esposito neste dossiê**) e Tarento ficavam de fora. Hoje, no entanto, os especialistas utilizam a expressão para todas as cidades coloniais gregas da Itália meridional, à exceção da Sicília, independentemente da extensão dada pelas fontes gregas antigas.

¹ Texto traduzido pelo autor. Revisão técnica de Fábio Vergara Cerqueira.

² Maître de conférences (professor associado) d'histoire de l'Antiquité grecque à l'Université de Haute-Alsace (Université de Haute-Alsace, Université de Strasbourg, CNRS ArcHiMedE UMR 7044 Mulhouse), França.

Além disso, as fontes mais antigas mostram que o primeiro nome dado às colônias gregas do sul da Itália foi "*Italia*" (LOMBARDO, 2001; 2011; mais genericamente sobre a geografia antiga da Itália meridional, em particular sobre Estrabão, ver GRECO, 1987; MADDOLI, 1987; PRONTERA, 1987; BIFFI, 1988; JANNI, 1988), embora inicialmente essa denominação abrangesse apenas uma parte da atual Calábria, provavelmente em conexão com a ideia de "império" de Síbaris (ver abaixo). Foi de forma progressiva que a *Italia* se expandiu para englobar, por fim, a totalidade da península, o que ocorreu desde o período romano. Essa primeira denominação explica porque os antigos se referiam aos gregos das colônias como sendo *Italiotas*, termo que continua sendo utilizado nos livros de história.

O URBANISMO REGULAR NO OCIDENTE

A definição de uma cidade-estado, a *polis* grega, compreende dois aspectos, de um lado, uma comunidade de cidadãos, de outro, sua expressão física, em uma aglomeração urbana cercada por terras cultivadas (ver as discussões aprofundadas em HANSEN, 2001; HANSEN e NIELSEN, 2004; também os comentários em POLLINI, 2015). Vamos nos concentrar primeiro na questão da cidade, e mais particularmente sobre os primeiros casos conhecidos de uma regularização da ocupação urbana pelos gregos do Ocidente (sobre o urbanismo grego em geral, ver MARTIN, 1974; GRECO e TORELLI, 1983, além de uma revisão bibliográfica mais recente em GRECO, 2004-2005 e as sínteses de LAFON, MARC e SARTRE, 2011; HELLMANN, 2010; ver também os comentários sobre as representações da cidade grega do Ocidente em POLLINI, 2017).

Mesmo que o objetivo desta contribuição seja de se concentrar nos exemplos da Magna Grécia, é essencial mencionar os casos sicilianos que constituem, em grande medida, o ponto nevrálgico desse debate. Desse modo, a situação em Siracusa é muito sugestiva (**ver o artigo de M. B. Florenzano**).

De fato, a cidade de Siracusa mostra traços de vias urbanas arcaicas com uma relativa regularidade (TRÉZINY, 2002, sobre Siracusa, p. 273-278). O primeiro assentamento grego da colônia parece ter sido criado por um agrupamento de aldeias (DI VITA, 1996, p. 270-274), tanto na ilha de Ortígia quanto na parte propriamente siciliana de Acradina, onde foram encontrados os vestígios mais antigos da presença grega, na necrópole da área do Fusco. É evidente que o estabelecimento dos coríntios integrou um certo número de centros indígenas com sua população, e que a via principal Norte-Sul que atravessa Ortígia funcionou, a princípio, para ligar os diversos centros de ocupação da pequena ilha e, por extensão, da parte siciliana de Acradina. Esse eixo central foi depois completado por uma série de vias transversais, em uma organização racional, bastante regular mas não ortogonal (HELLMANN, 2010, p. 188-189; MERTENS, 2006, p. 73-76). Com efeito, o ângulo formado pela intersecção das vias principais com as vias transversais não forma um ângulo reto, mas de cerca de 79° (**Fig. 2**).

No estado atual das pesquisas, esse sistema urbano pode ser datado entre o final do século VII e o início do século VI a.C., sem que possamos estabelecer a forma de espaço urbano na época da fundação da colônia de Siracusa, ocorrida no último terço do século VIII a.C. A hipótese amplamente seguida é a de um estabelecimento funcional dos espaços de Siracusa desde sua fundação (LA TORRE, 2011, p. 171-173).

Se o caso de Siracusa mostra alguma disposição para a regularização da ocupação do espaço urbano desde o final do século VII a.C., o exemplo paradigmático de urbanização regular é o de Mégara Hibleia (DE ANGELIS, 2003, p. 17-39; GRAS, TRÉZINY e BROISE, 2004, p. 523-526; MERTENS, 2006, p. 63-72). As pesquisas antigas e recentes mostraram um esquema de organização do espaço urbano bastante regular, ainda que não ortogonal. Duas vias principais (A e B, medindo entre 5,30 e 5,80 m de largura) estruturam o espaço no sentido Leste-Oeste. Essas "avenidas" percorrem todo o espaço da cidade e conectam, por um lado, um dos portões das muralhas à beira do mar (Avenida B), por outro, o santuário ocidental à ágora (Avenida A). Embora organizadas de maneira ordenada no espaço, essas duas avenidas não são perfeitamente paralelas e as diferenças na distância entre elas se devem provavelmente a uma intenção de divisão equilibrada do espaço compreendido entre a Avenida B e a muralha Norte (GRAS, TRÉZINY e BROISE, 2004, p. 527-530). Em seguida, uma grade formada por três grupos de vias de circulação paralelas entre elas (C, D e E), em direção Norte-Sul e com largura de cerca de 3 m, ordena o conjunto da cidade. Os diferentes grupos de vias possuem desvios de orientação, dando lugar a um sistema "oblíquo" (SHIPLEY, 2005, p. 341), ou mesmo um "plano regular por setor" (TRÉZINY, 2002, p. 267-272), deixando, na parte central do planalto, uma área não dividida, de forma trapezoidal, identificada como a ágora (GRAS, TRÉZINY e BROISE, 2004, p. 391-445; MERTENS, 2006, p. 67-69). Os quarteirões de habitação dispõem de área bastante regular, de aproximadamente 25 m de largura por 98 a 110 m de comprimento.

A cronologia atualmente aceita a partir dos dados arqueológicos disponíveis coloca esse sistema urbano como o mais antigo caso conhecido, estabelecido por volta de 700 a.C., ou seja, a menos de uma geração da fundação da cidade, mas com maior materialização em uma segunda fase, em torno de 640-630 a.C. (GRAS, TRÉZINY e BROISE, 2004, p. 237-301, em particular as conclusões à p. 301).

A explicação de H. Tréziny para o esquema de urbanismo de Mégara é fundamentada em um módulo de lote urbano individual padrão (*oikopedon*), compreendendo entre 120 e 140 m² de área (TRÉZINY, 1999, p. 141-183; GRAS, TRÉZINY e BROISE, 2004, p. 532-539). A estrutura urbana foi definida nos primeiros tempos da colônia, mesmo se nem todos os lotes urbanos foram ocupados desde o início. Se há variações relativamente pequenas na área dos lotes urbanos, medidas pelas pesquisas arqueológicas, elas não invalidam a ideia de um sistema de distribuição de lotes segundo um princípio de igualdade. Em todo caso, o urbanismo de Mégara Hibleia foi fundado sob os princípios de regularização do espaço e de igualdade de loteamento, com os quarteirões com áreas praticamente iguais.

Por fim, o último exemplo siciliota paradigmático é o de Selinunte, a sub-colônia de Mégara Hibleia fundada no oeste da Sicília no século VII a.C., por volta de 651 a.C. de acordo com Diodoro Sículo (XIII 59), mas mais provavelmente em 628 a.C. segundo Tucídides (VI 4) (sobre o urbanismo de Selinunte ver principalmente as sínteses de MERTENS, 2006, p. 83-85 e DE ANGELIS, 2003, p. 128-145). Em oposição à interpretação de G. Vallet (VALLET, 1983, p. 646), M. Gras, H. Tréziny e H. Broise aproximam as duas colônias, Mégara e Selinunte, pela sua organização do espaço urbano, afirmando que a principal diferença entre as duas cidades é o emprego do ângulo reto em Selinunte (GRAS, TRÉZINY e BROISE, 2004, p. 589). A outra diferença essencial é o seu tamanho, uma vez que de uma área total de 60 hectares em Mégara Hibleia passamos para cerca de 130 em Selinunte; as dimensões dos lotes padrão (*oikopeda*) são quase o dobro, cerca de 120 m² no primeiro caso, passando para 210 m² no segundo. Mas a cronologia é o elemento essencial. De fato, o urbanismo regular de Selinunte é datado dos anos 580-570 a.C., o que a coloca na condição do mais antigo caso conhecido de urbanismo grego ortogonal (cf. SHIPLEY, 2005, p. 342).

Uma vez estabelecidos os princípios de um urbanismo ortogonal no início do século VI a.C., vários exemplos concretos se tornaram conhecidos no Ocidente, em particular na Magna Grécia, especialmente em Metaponto e em Poseidônia (DE SIENA, 1991; MERTENS, 1991; GRECO, 2000). O caso mais recente de Neápolis é agora bastante conhecido (cf. por último LONGO e TAURO, 2017).

Em contraste, um exemplo que merece atenção é o de Cuma. Os trabalhos de M. D'Acunto, realizados desde 2007 (D'ACUNTO, 2009; D'ACUNTO, 2014; ver também D'AGOSTINO e D'ACUNTO, 2008), revelaram uma área residencial situada entre a área do fórum romano e os muros da cidade. Na verdade, o urbanismo de Cuma, não sendo propriamente ortogonal, mostra uma organização dita "racional" (cf. D'ONOFRIO, 2002): o espaço urbano se organiza a partir de uma grande *plateia* ("avenida") Norte-Sul que parte da área do fórum, provavelmente no local da antiga ágora grega, em direção aos muros setentrionais e à chamada "Porta mediana", com *stenopoi* ("ruas") regulares. Esse sistema não é ortogonal com relação à *plateia*, pois a própria avenida, que apresenta um desvio, não é retilínea.

O elemento mais interessante é a cronologia, muito recuada, remontando ao final do VIII e ao curso do VII a.C. Dessas fases mais antigas foram encontrados principalmente estratos, aos quais pertencem talvez um nível de circulação, alguns vestígios de habitação e material cerâmico (D'ACUNTO, 2014, p. 23). A partir do século VI a.C., os vestígios são mais importantes, incluindo duas casas que atestam, através da descoberta de louça de banquete (*symposion*) da mais alta qualidade, a presença de um grupo socialmente elevado. É essencial observar que o exemplo de Cuma permite afirmar que um urbanismo racional e regular pode, no entanto, dar lugar a diferenciações sociais importantes, com a instalação de classes bem abastadas em um espaço dividido de forma provavelmente igualitária no começo (cf. POLLINI, no prelo). A título de comparação, é interessante colocar os casos de Cuma e Mileto em paralelo. De fato, em Mileto o urbanismo regular data do final do século VI a.C. e foi, assim, obra dos tiranos. A reconstrução da cidade, após as vitórias

contra os persas e sob um regime democrático, apenas seguiu as vias determinadas anteriormente, descartando toda ligação entre o urbanismo regular e os princípios de igualdade democrática (ASHERI, 1975; WEBER, 2007; HELLMANN, 2010).

Qualquer comentário à ideia de urbanismo regular na Magna Grécia deve evocar o caso de Túrio, cidade pan-helênica fundada no lugar da antiga Síbaris, sob a liderança da Atenas de Péricles, por volta de 444 a.C. (cf. GRECO, 2009; GRECO e LUPPINO, 1999; GRECO, LUPPINO, *et al.*, 2010; MARINO, 2010)³. Sobre Túrio, a nossa principal fonte escrita é Diodoro Sículo (*Biblioteca Histórica*, XII, 10, 6-7. Cf. GRECO, 1999, p. 415; GRECO, 1999; GRECO, 1999; GARCÍA QUINTELA, 2000). O historiador siciliano se interessa sobretudo pela constituição da nova cidade, mas também descreve a organização espacial da fundação colonial. A cidade segue, assim, um padrão regular com quatro vias principais (*plateiai*) em um sentido e três no outro, em seguida, uma série de vias paralelas menores (*stenopoi*). O plano urbanístico era perfeitamente ortogonal e, além disso, o número sete coincide com o número de cordas de uma lira, provavelmente em referência ao ideal de perfeição ligado aos círculos pitagóricos bastante ativos na região.

O caso de Túrio é particularmente interessante por colocar em paralelo fontes escritas e dados arqueológicos observados em campo (CASTAGNOLI, 1971, p. 301-307; CASTAGNOLI, 1973, p. 220-222; para as pesquisas recentes sobre o urbanismo em Túrio-Copiae ver GRECO e LUPPINO, 1999, p. 115-164). Atualmente, é possível restituir cinco das sete avenidas mencionadas por Diodoro e, por extensão, utilizando as mesmas distâncias regulares entre as vias principais, E. Greco foi capaz de reconstituir (**Fig. 3**), a título de hipótese no momento, todo o plano urbanístico de Túrio (GRECO, 2009, p. 108-117; GRECO, LUPPINO, *et al.*, 2010, p. 97-116). Ele seria composto por uma matriz retangular de 396 m por 296 m (1300 x 1000 pés), dividida em quadrados de 37 m de lado, que poderiam acomodar, cada um, quatro casas de 18 m por 18 m (324 m²), medidas comparáveis às de outros exemplos contemporâneos, como Olinto, na Grécia setentrional (CAHILL, 2002) e Himera, na Sicília (VASSALLO, 2005; ALLEGRO, 2008). Trata-se aqui do melhor caso conhecido de uma organização regular e perfeitamente ortogonal de espaço, atestado tanto pelas fontes escritas quanto por vestígios arqueológicos.

As investigações recentes, efetuadas para além da porta setentrional, sugerem um prolongamento dos grandes eixos viários, inclusive na zona rural, o que leva à hipótese de que a regularidade da organização do espaço em Túrio não se limitou à zona urbana.

³ Não trataremos aqui das discussões sobre a participação de Hipódamo de Mileto no estabelecimento do plano urbanístico de Túrio. Ver nossos próprios comentários em POLLINI 2017. Todas as fontes sobre Hipódamo estão citadas em SHIPLEY, 2005, p. 356-361 e 386-388. Sobre Hipódamo ver em particular HELLMANN, 2010, p. 191-197; CALIÒ, 2012, p. 105-126. Para a ágora dita de Hipódamos do Pireu, consultar LONGO, 2008, p. 137-155 e LONGO, 2014, p. 217-231. Sobre a participação de outros intelectuais famosos na fundação da Túrio (DIÓGENES LAÉRCIO, IX, 50 = Protágoras), consultar BERTELLI, 1997, p. 108-121 e GARCÍA QUINTELA, 2006, p. 199-222. Sobre a participação de Heródoto, veja nossos comentários em POLLINI, 2009.

A APROPRIAÇÃO DAS TERRAS NA MAGNA GRÉCIA

As pesquisas arqueológicas da área rural são agora um aspecto essencial e reconhecido por todos. No entanto, concentram-se principalmente na área colonial: em Quersoneso da Crimeia (Mar Negro) e em Gela (Sicília) (**ver o artigo de M. B. Florenzano sobre Siracusa**), além do Sul da Itália, inicialmente em Metaponto e Poseidônia, onde as pesquisas se desenvolveram, respectivamente, nos anos de 1940, 1950 e 1960 (*cf.* OSANNA, 1992; POLLINI, 2006; POLLINI, 2012). A título de comparação, os estudos sistemáticos das áreas rurais da Grécia egeia só começaram em meados dos anos 1980 (BINTLIFF, 1994; BINTLIFF, 1999; BRUNET, 2000). É no contexto dessas pesquisas, realizadas em áreas mais ou menos distantes dos centros urbanos antigos, que a apropriação do espaço pela chegada dos colonos pode ser apreendida. Um sinal bastante representativo pode ser reconhecido no estabelecimento de santuários extra-urbanos em lugares simbólicos para o controle do espaço pela comunidade dos colonos (DE POLIGNAC, 1995; discussão recente em DAVIES, 2013, p. 18-20).

Qualquer comentário sobre as cidades gregas da Magna Grécia, à exceção da região da baía de Nápoles, deve começar pela cidade de Síbaris (*Atti Taranto* 1992; DELIA e MASNERI, 2013), uma das primeiras fundações, dos anos 720 a.C. O geógrafo Estrabão (*Geografia* VI 1, 13) escreveu que a cidade era tão poderosa que era capaz de comandar quatro nações (*ethne*) vizinhas, ter vinte e cinco cidades (*poleis*) sob seu controle e possuir uma muralha circular de cinquenta estádios de comprimento. Além de sua riqueza proverbial, esse testemunho mostra que a cidade tinha uma clara intenção de constituir um tipo de área de influência para além dos limites do território pertencente aos cidadãos e explorado por eles (**Fig. 4**). As quatro nações e as vinte e cinco comunidades vizinhas evidentemente não podem ser identificadas com precisão, mas certamente se tratavam de centros de populações indígenas com relações bastante estreitas com a cidade grega de Síbaris (BUGNO, 2001 traça um paralelo com o modelo oriental de hegemonia por distritos estabelecido pelos persas). A análise dos vestígios arqueológicos dos sítios de Francavilla Marittima (MAASKANT-KLEIBRINK, 2005; GRANESE, 2006; QUONDAM, 2009; LUPPINO, QUONDAM, *et al.*, 2010; GRANESE, 2013; GUZZO, 2013; BROCATO, 2014; GUGGISBERG, 2016; QUONDAM, 2016), onde um santuário de tipo grego foi erigido no lugar de um estabelecimento indígena pré-existente, e de Amendolara (LA GENIÈRE DE, 1984; LA GENIÈRE DE, 2012), que continua a ser um sítio indígena mesmo que com importantes elementos gregos, mostra duas situações bem diferentes em uma mesma área geográfica e cultural.

Os desejos expansionistas de Síbaris para além de seu território cívico foram interpretados como uma das primeiras tentativas de formação de um tipo de "império", no sentido de uma grande rede de alianças e influências que devia estar na origem da noção de *Italia* e que pôde englobar a maior parte da Magna Grécia, ou seja, a região das cidades gregas da Itália do Sul (GRECO, 1992; BUGNO, 2001; GRECO, 2013). Além disso, foi possível estabelecer uma associação dessa ideia de "império de Síbaris" não somente

com as alianças voltadas para os centros indígenas, mas também com a fundação de outras cidades coloniais gregas, como Metaponto (em 630 a.C.), Poseidônia (em 600 a.C.), ou mesmo Vélia (em 540 a.C.). Nós consideramos que essa zona de influência de Síbaris muito abrangente faz parte de uma tentativa de territorialização, e portanto de algum controle do espaço colonial, no seu sentido mais amplo possível. Assim, talvez, a noção primitiva de *Italia* grega fosse um fato da intenção imperialista de Síbaris no sentido da identificação de uma certa unidade das cidades gregas da região sob sua hegemonia.

Em todo caso, os desejos expansionistas de Síbaris foram contidos pela oposição da sua vizinha Crotona, fundada aproximadamente no mesmo período, no final do séc. VIII a.C. Se as cidades coloniais podiam formar redes de alianças entre elas, o conflito que resultou na destruição total de Síbaris entre 511 e 510 a.C. mostra a variedade de relações entre os diferentes atores do domínio colonial, principalmente entre os diferentes grupos de colonos e os indígenas (*cf.* LOMBARDO, 2002). Após a queda de Síbaris, parece que uma grande parte dos sibaritas sobreviventes se transferiram para a costa do Tirreno para fundar uma outra colônia, a de Laos, nos últimos anos do séc. VI a.C.

Na análise da apropriação do espaço rural, a cidade de Metaponto merece um lugar de destaque: é o caso mais bem conhecido da zona rural de uma cidade de todo o mundo grego. Os traços visíveis graças a fotografias aéreas, verificados em campo desde os anos 1960 pelas escavações estratigráficas sistemáticas (SCHMIEDT e CHEVALLIER, 1959; SCHMIEDT e CHEVALLIER, 1960; ADAMESTEANU, 1965), e recentemente por prospecções conduzidas pelas equipes americanas da Universidade do Texas sob a direção de J. C. Carter, produziram dados excepcionais (CARTER, 1998; CARTER, 2006; CARTER e PRIETO, 2011). Trata-se de traços de uma divisão regular do espaço rural (**Fig. 5**), materializada por uma rede de canalizações paralelas que definem lotes de terra de tamanhos iguais (**Fig. 6**). Um sistema assim é conhecido também no Quersoneso da Crimeia no Mar Negro, datado do séc. IV a.C. Em Metaponto, contudo, os vestígios mais antigos dessa organização das terras datam de cerca de 580 a.C., ou seja, entre uma e duas gerações após a chegada dos colonos aqueus. As fontes numismáticas corroboram a importância da zona rural de Metaponto, uma vez que a cidade representava uma espiga de cevada sobre suas próprias moedas (STAZIO, 1973) (**Fig. 7**).

Esses dois exemplos célebres, de Síbaris e Metaponto, permitem destacar diversos aspectos. Por um lado, quando da chegada dos colonos, o espaço não estava vazio, como se poderia pensar pela utilização da expressão grega *eremos khora* (literalmente, “território deserto”). Essa expressão deve ser interpretada a partir do ponto de vista grego: ela se referiria a terras desprovidas de uma forma grega (ou comparável) de organização, a cidade-estado, mas de maneira alguma remeteria a um território deserto. Por outro lado, a apropriação do espaço pelos colonos podia ser feita às custas da população local ou com alguma forma de coabitação, e este podia ser o resultado do estabelecimento de pequenos vilarejos espalhados pela zona rural (*kata komas*), como foi provavelmente o caso de Síbaris, ou então de uma ocupação capilar das terras, como em Metaponto.

RELAÇÕES INTERÉTNICAS E A PRIMEIRA FORMA CONHECIDA DE "DESCOLONIZAÇÃO"

O caso já mencionado do "império" de Síbaris, assim como a análise das fases ditas pré-coloniais da região do Golfo de Tarento (*Siritide e Metapontino* 1991; PERONI e TRUCCO, 1994; ESPOSITO, 2005; ESPOSITO, 2012; ver o artigo de **A. Esposito nesse dossiê**), mostram claramente a variedade das situações de interação entre colonos gregos e populações indígenas.

Além dos colonos gregos instalados na parte mais meridional da península, os etruscos estabeleceram-se igualmente em terras da atual Campânia, em um movimento comparável ao dos gregos (CERCHIAI, 2008; 2011; D'AGOSTINO, 2011). Por outro lado, a Magna Grécia mostra um caso único: a primeira forma conhecida de "descolonização", nas célebres palavras de D. Asheri (ASHERI, 1996). A partir de meados do século V a.C., populações itálicas, no caso povos campanos e lucanos (PONTRANDOLFO, 1982; CERCHIAI, 1995), deram prosseguimento a um movimento de expansão rumo ao sul da península. Esse movimento resultou na conquista de algumas cidades gregas por essas populações: os campanos se apossaram de Nápoles em meados do século V a.C. (CERCHIAI, 2010), ao passo que os lucanos se tornaram senhores das cidades tirrênicas de Poseidônia, nos anos 420-410 a.C., e de Laos, em 390 a.C. (GRECO, GRECO e PONTRANDOLFO, s.d.; Atti Taranto 1987; PONTRANDOLFO e D'AGOSTINO, 1987; CIPRIANI e LONGO, 1996; ROUVERET, 2012). Em seguida, mesmo sem conseguirem tomar posse das outras cidades gregas, ocuparam todo o interior da Itália do Sul (as atuais regiões da Basilicata e da Calábria) e exerceram uma pressão muito forte sobre os gregos da Itália. Esse é o primeiro caso conhecido de uma reversão de relações de força, em que o elemento local, o itálico, muito embora vindo de uma região mais ao norte, foi capaz de colocar sob sua hegemonia uma parte dos colonos gregos. Deve-se fazer um paralelo com os "presentes", forma disfarçada de um tipo de tributo, que certas cidades gregas do Mar Negro deviam às populações locais que as cercavam (ver o **artigo de M. Dana nesse dossiê**). Se a pressão militar sobre as cidades gregas do Mar Negro é óbvia, o exemplo da Magna Grécia é o único caso conhecido onde as populações locais submetem completamente os gregos e controlam diretamente a cidade conquistada.

O enfraquecimento relativo das cidades gregas é assim percebido pelo apelo que a mais poderosa das colônias italiotas da época, Tarento, fez aos *condottieri* estrangeiros⁴ para reforçar e guiar seus exércitos nos conflitos que os opuseram primeiro aos lucanos, no séc. IV a.C., e depois a Roma, com a expedição de Pirro, no início do séc. III a.C. (*Atti Taranto* 2003; *Atti Taranto* 2004). A Magna Grécia é, de fato, a primeira região ocupada pelas populações gregas a cair sob o domínio romano, sobretudo nos casos de Poseidônia, que se tornou colônia latina em 273 a.C., e de Tatanto, tomada em 272 a.C. Mesmo preservando alguma

⁴ Generais estrangeiros que guiam um exército também estrangeiro, de mercenários ou não.

forma de identidade grega, essas cidades passaram ao controle dos romanos e se submetem à ótica dos acontecimentos ligados à história romana desde o primeiro terço do séc. III a.C.

CONCLUSÃO

Graças a um conjunto importante de dados arqueológicos publicados, a região considerada, a Magna Grécia, fornece informações sobre alguns aspectos essenciais da organização das cidades gregas. Para o período arcaico, trata-se certamente dos estudos mais desenvolvidos sobre uma certa preocupação na ocupação de espaços, tanto urbanos como rurais. Este aspecto espacial é indissociável da questão mais ampla da formação da cidade grega, a *polis*, tanto na sua definição como uma comunidade independente, quanto na sua expressão concreta sob a forma de um centro urbano cercado por terras cultivadas. Os exemplos ocidentais mostram que esta preocupação com a determinação dos espaços e, além disso, com o desejo de regularização, é quase contemporânea da instalação colonial. Pelo menos, os traços visíveis e encontrados pela arqueologia datam de cerca de uma geração após a chegada dos novos colonos, tanto no caso do centro urbano de Mégara Hibleia, provavelmente também para Cuma, como no território de Metaponto. É também no domínio ocidental, certamente, que encontramos o exemplo mais bem estabelecido, atestado pelas fontes escritas e arqueológicas, de um urbanismo perfeitamente ortogonal: Túrio.

A preocupação com os espaços, sobretudo com os territórios, é inseparável da interação com as populações locais. Síbaris se apresenta como uma poderosa cidade grega que cria uma rede hegemônica (ou imperialista) que controla uma grande parte do sul da Itália, especialmente se incluirmos as fundações secundárias de Metaponto e de Poseidônia. Esse controle não é uniforme e mostra uma gradação significativa nas relações com elementos indígenas: da conquista e submissão a várias formas de convivência ou coabitação.

Finalmente, para uma discussão das diferentes formas de colonização, é essencial enfatizar que a Grande Grécia é o caso mais antigo de “descolonização”, isto é, da conquista das cidades coloniais gregas por populações locais, como Nápoles, Poseidônia e Laos. A inversão das relações de poder entre elementos locais e coloniais mostra que as interações interétnicas são sempre muito complexas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Megale Hellas: nome e immagine. Atti del Convegno di studi sulla Magna Grecia*, XXI, 1981, Tarente: Istituto per la Storia e l'Archeologia della Magna Grecia
- Poseidonia-Paestum. Atti del Convegno di Studi sulla Magna Grecia*, XXVII, 1987, Tarente-Paestum: Istituto per la Storia e l'Archeologia della Magna Grecia, 1992.
- Siritide e Metapontino. Storie de due territori coloniali. Cahiers du Centre Jean Bérard*, XX, 1991, Policoro: Centre Jean Bérard, 1998.
- Sibari e la Sibaritide. Atti del convegno di studi sulla Magna Grecia*, XXXII, 1992, Tarente: Istituto per la storia e l'archeologia della Magna Grecia
- Alessandro il Molosso e i 'Condottieri' in Magna Grecia. Atti del Convegno di studi sulla Magna Grecia*, XLIV, 2003, Tarente: Istituto per la Storia e l'Archeologia della Magna Grecia, 2004.
- Tramonto della Magna Grecia. Atti del Convegno di studi sulla Magna Grecia*, XLIV, 2004: Istituto per la Storia e l'Archeologia della Magna Grecia, 2005.
- Da Italia a Italia. Le radici di un'identità. Atti del Convegno di studi sulla Magna Grecia*, LI, 2011, Tarente: Istituto per la storia e l'archeologia della Magna Grecia
- Gli etruschi e la Campania settentrionale. Atti del XXVI Convegno di studi etruschi ed italici, Caserta, Santa Maria Capua Vetere, Capua, Teano, 11-15 novembre 2007*, 2011, Pisa: F. Serra
- ADAMESTEANU, Dinu. « Metaponto. Appunti fotointerpretativi », *Atti della Accademia nazionale dei Lincei. Notizie degli scavi di antichità*, XIX, suppl., 1965, p. 179-184.
- ALLEGRO, Nunzio (éd.). *Himera. V, L'abitato: isolato II. i blocchi 1-4 della zona 1*, Palermo: Università di Palermo, Dipartimento di beni culturali, 2008.
- AMERUOSO, Michele. *Megále Hellás: genesi, storia ed estensione del nome*, coll. *Studi. pubbl. dall'Istituto italiano per la storia antica*, 61, Rome: Istituto italiano per la storia antica, 1996.
- ASHERI, David. « Osservazioni sulle origini dell'urbanistica Ippodamea », *Rivista Storica Italiana*, LXXXVII, I, 1975, p. 5-16.
- ASHERI, David. « Colonizzazione e decolonizzazione », in Salvatore SETTIS (éd.). *I Greci. Storia, cultura, arte, società. 1. Noi e i Greci*, Turin: G. Einaudi, 1996, p. 73-115.
- BIFFI, Nicola (éd.). *L'Italia di Strabone. Testo, traduzione e commento dei libri V e VI della Geografia*, Genova: DARFICLET, 1988.
- BINTLIFF, John L. « Territorial behaviour and the natural history of the Greek polis », in Eckart OLSHAUSEN et Holger SONNABEND (éds.). *Grenze und Grenzland. Stuttgarter Kolloquium zur Historischen Geographie des Altertums*, coll. *Geographica historica*, 7, 4, Amsterdam: A. M. Hakkert, 1994, p. 207-249.

- BINTLIFF, John L. «Pattern and process in the city landscapes of Boetia from geometric to late roman times», in Michèle BRUNET (éd.). *Territoires des cités grecques. Actes de la table ronde internationale, BCH Suppléments*, 34, 1999, Athènes, Athènes: École Française d'Athènes, 1991, p. 15-33.
- BROCATO, Paolo (éd.). *Studi sulla necropoli di Macchiabate a Francavilla Marittima (Cs) e sui territori limitrofi. Ricerche, Supplementi*, 5, Arcavacata di Rende: Università della Calabria, 2014.
- BRUNET, Michèle. « Le ricerche sulle chorai della Grecia insulare: un bilancio critico ». *Problemi della chora coloniale dall'Occidente al Mar Nero, Atti del Convegno di Studi sulla Magna Grecia*, XL, 2000, Tarente, Naples: Istituto per la Storia e l'Archeologia della Magna Grecia, 2001, p. 27-45.
- BUGNO, Maurizio. « Strabone VI, 1, 13 C. 263 e l'ἀρχή di Sibari », in Maurizio BUGNO et Concetta MASSERIA (éds.). *Il mondo enotrio tra VI e V secolo a.C.*, coll. *Atti dei seminari napoletani, 1996-1998, Quaderni di ostraka*, 1, Naples: Loffredo, 2001, p. 303-327.
- CAHILL, Nicholas. *Household and city organization at Olynthus*, New Haven: Yale university, 2002.
- CARTER, Joseph Coleman. *The chora of Metaponto: the necropoleis*, Austin, TX, 1998.
- CARTER, Joseph Coleman. *Discovering the Greek countryside at Metaponto*, Ann Arbor: University of Michigan press, 2006.
- CARTER, Joseph Coleman et PRIETO, Alberto (éds.). *The chora of Metaponto. 3, Archaeological field survey Bradano to Basento*, 3 vols., Austin, Tx: University of Texas Press, 2011.
- CASTAGNOLI, Ferdinando. « Sull'urbanistica di Thurii », *La parola del passato*, 26, 1971, p. 301-307.
- CASTAGNOLI, Ferdinando. « Ancora sull'urbanistica di Thurii », *La parola del passato*, 28, 1973, p. 220-222.
- CERCHIAI, Luca. *I Campani*, Milan: Longanesi, 1995.
- CERCHIAI, Luca. « La Campania: i fenomeni di colonizzazione », in Giuseppe M. DELLA FINA (éd.). *La colonizzazione etrusca in Italia. Atti del XV convegno internazionale di studi sulla storia e l'archeologia dell'Etruria*, coll. *Annali della Fondazione per il Museo "Claudio Faina"*, XV, Roma: Quasar, 2008, p. 401-421.
- CERCHIAI, Luca. *Gli antichi popoli della Campania*, coll. *Studi superiori. archeologia*, 598, Rome: Carocci editore, 2010.
- CIPRIANI, Marina et LONGO, Fausto (éds.). *I Greci in Occidente: Poseidonia e i Lucani*, Naples, 1996.
- DAVIES, John Kenyon. « La discussione sulla polis greca oggi », in *Poleis e politeiai nella Magna Grecia arcaica e classica. Atti del Convegno di studi sulla Magna Grecia*, Tarente: Istituto per la Storia e l'Archeologia della Magna Grecia, 2013, p. 11-33.
- D'ACUNTO, Matteo. « L'abitato antico di Cuma tra le Terme del Foro e le mura settentrionali: relazione preliminare della campagna di scavo del 2007 dell'Università L'Orientale di Napoli », in Carlo GASPARRI et Giovanna GRECO (éds.). *Cuma: indagini archeologiche e nuove scoperte*, coll. *Atti della*

giornata di studi, Napoli, 12 dicembre 2007. Quaderni del Centro studi Magna Grecia, 7. Studi cumani, 2, Pozzuoli: Naus, 2009, p. 73-87.

D'ACUNTO, Matteo. « Gli scavi dell'università degli studi di Napoli "L'Orientale" nell'abitato greco-romano di Cuma (2007-2013) », *Newsletter di Archeologia CISA, 5, 2014, p. 21-38.*

D'AGOSTINO, Bruno. « Gli Etruschi e gli altri nella Campania Settentrionale ». *Gli Etruschi e la Campania settentrionale*, coll. *Atti del XXVI Convegno di studi etruschi ed italici, Caserta, Santa Maria Capua Vetere, Capua, Teano, 11-15 novembre 2007. Convegno di studi etruschi ed italici, 26, Pisa: F. Serra, 2011, p. 69-91.*

D'AGOSTINO, Bruno et D'ACUNTO, Matteo. « La città e le mura: nuovi dati dall'area Nord della città antica ». *Cuma. Atti del Convegno di Studi sulla Magna Grecia, XLVIII, 2008, Tarente, 2009, p. 481-522.*

D'ONOFRIO, Adele. « Primi dati sull'urbanistica di Cuma: l'area tra il foro e le fortificazioni settentrionali », in Bruno D'AGOSTINO et Andrea D'ANDREA (éds.). *Cuma: nuove forme di intervento per lo studio del sito antico*, coll. *Atti della giornata di studio, Napoli 12 febbraio 2001*, Naples: Istituto Universitario Orientale, 2002, p. 133-152.

DE ANGELIS, Franco. *Megara Hyblaia and Selinous: the development of two Greek city-states in archaic Sicily*, coll. *OUSA Monographs*, Oxford: Oxford University Press, 2003.

DE POLIGNAC, François. *La Naissance de la cité grecque. Cultes, espace et société, VIII^e-VII^e siècles, 2^e éd.*, Paris: La Découverte, 1995.

DE SIENA, Antonio. « Metaponto: problemi urbanistici e scoperte recenti ». *Siritide e Metapontino. Storie di due territori coloniali, Cahiers du Centre Jean Bérard, XX, 1991, Policoro, Naples-Paestum: Centre Jean Bérard, 1998, p. 141-170.*

DELIA, Giorgio et MASNERI, Tullio (éds.). *Sibari: archeologia, storia, metafora. Quaderni del liceo, 2, Castrovillari: Il coscile, 2013.*

DI VITA, Antonino. « L'Urbanisme de la Sicile grecque », in Giovanni Pugliese CARRATELLI (éd.). *Greco en Occident. De l'âge mycénien à la fin de l'Hellénisme*, coll. *Catalogue de l'exposition du Palazzo Grassi de Venise.*, Milan: Bompiani, 1996, p. 263-308.

ESPOSITO, Arianna. « Entre Sybaris et Tarente: archéologie d'une frontière. Identités, mythes et territoires dans le Golfe de Tarente (IXe-Ve s. av. J.-C.). », Université de Paris I, 2005.

GARCÍA QUINTELA, Marco. « Hipódamo en Turios: urbanismo, religión y política », *Dialogues d'Histoire Ancienne, 26, 1, 2000, p. 7-33.*

GRANESE, Maria Tommasa. « Culto e pratiche rituali nel santuario arcaico di Francavilla Marittima (Sibari - CS) », *Annuario della Scuola archeologica di Atene e delle missioni italiane in oriente, LXXXIV, s. III, 6, t. 1, 2006, p. 417-463.*

- GRANESE, Maria Tommasa. « Un luogo di culto del territorio di Sibari: il santuario di Francavilla Marittima (CS) », in Giorgio DELIA et Tullio MASNERI (éds.). *Sibari: archeologia, storia, metafora*, coll. *Quaderni del liceo*, 2, Castrovillari: Il coscile, 2013, p. 57-84.
- GRAS, Michel, TRÉZINY, Henri et BROISE, Henri. *Mégara Hyblaea. 5, La ville archaïque: l'espace urbain d'une cité grecque de Sicile orientale*, coll. *Mélanges d'archéologie et d'histoire. Suppléments*, 1, Rome: École française de Rome, 2004.
- GRECO, Emanuele. « Strabone e la topografia storica della Magna Grecia », in Gianfranco MADDOLI (éd.). *Strabone. Contributo allo studio della personalità e dell'opera*, 2. *Strabone e l'Italia antica*, 1987, Acquasparta, Naples: Edizioni Scientifiche Italiane, 1988, p. 121-134.
- GRECO, Emanuele. « L'impero di Sibari: bilancio archeologico-topografico ». *Sibari e la Sibaritide. Atti del convegno di studi sulla Magna Grecia*, XXXII, 1992, Tarente, Naples: Istituto per la Storia e l'Archeologia della Magna Grecia, 1993, p. 459-485.
- GRECO, Emanuele. « Dalla Ionia alla Magna Grecia: Ippodamo di Mileto tra utopia e prassi ». *Magna Grecia e Oriente mediterraneo prima dell'età ellenistica, Atti del convegno di studi sulla Magna Grecia*, XXXIX, 1999, Tarente: Istituto per la storia e l'archeologia della Magna Grecia, p. 575-584.
- GRECO, Emanuele. « Nomi di strade nelle città greche », in MARINA CASTOLDI (éd.). *Koina: miscellanea di studi archeologici in onore di Piero Orlandini*, Milan: Edizioni ET, 1999, p. 223-229.
- GRECO, Emanuele. « Turi », in Emanuele GRECO (éd.). *La Città greca antica: istituzioni, società e forme urbane*, Rome: Donzelli editore, 1999, p. 413-430.
- GRECO, Emanuele. « Poseidonia-Paestum », in André VAUCHEZ (éd.). *Lieux sacrés, lieux de cultes, sanctuaires: approches terminologiques, méthodiques, historiques et monographiques*, coll. *Collection de l'École Française de Rome*, 273, Rome: École Française de Rome, 2000, p. 81-94.
- GRECO, Emanuele. « Note di topografia e di urbanistica », *Annali di archeologia e storia antica*, n.s. 11-12, n° *rassegne e recensioni*, 2004-2005, p. 353-358.
- GRECO, Emanuele. « Urban plan of Thourioi: literary sources and archaeological evidence for a Hippodamian city », in Sara OWEN et Laura PRESTON (éds.). *Inside the city in the Greek world: studies of urbanism from the Bronze Age to the Hellenistic period*, Oxford: Oxbow books, 2009, p. 108-117.
- GRECO, Emanuele. « Sul cosiddetto 'impero' di Sibari fino alla tirannide di Telys ed alla distruzione della città », in Giorgio DELIA et TULLIO MASNERI (éds.). *Sibari: archeologia, storia, metafora*, coll. *Quaderni del liceo*, 2, Castrovillari: Il coscile, 2013, p. 197-203.
- GRECO, Emanuele, GRECO, giovanna et PONTRANDOLFO, Angela. *Da Poseidonia a Paestum*, coll. *Paestum. La città e il museo*, 2, Salerne: Ingegneria per la cultura, s.d.
- GRECO, Emanuele et LUPPINO, Silvana. « Ricerche sulla topografia e sull'urbanistica di Sibari-Thuri-Copiae », *Annali di archeologia e storia antica*, ns. 6, 1999, p. 115-164.

- GRECO, Emanuele; LUPPINO, Silvana, *et alii*. « Alla ricerca di Ippodamo di Mileto. L'impianto urbanistico di *Thurii*. La campagna di scavo 2003 a Sibari in località Lattughelle », *Polis. Studi interdisciplinari sul mondo antico*, 3, 2010, p. 97-116.
- GRECO, Emanuele et TORELLI, Mario. *Storia dell'urbanistica: il mondo greco*, coll. *Grandi Opere*, Roma: Laterza, 1983.
- GUGGISBERG, Martin A. « Local identity and cultural exchange in (pre-) colonial Francavilla Marittima: the Macchiabate necropolis in the light of new excavations », in Lieve DONNELLAN, Valentino NIZZO et Gert-Jan BURGERS (éds.). *Contexts of early colonization*, coll. *Acts of the conference "Contextualizing early colonization: archaeology, sources, chronology and interpretative models between Italy and the Mediterranean"*, vol. 1. *Papers of the Royal Netherlands Institute in Rome*, 64, Roma: Palombi, 2016, p. 237-246.
- GUZZO, Pier Giovanni. « Da Francavilla Marittima a Pithecusa », in Giuseppe ANDREASSI, assunta COCCHIARO et Antonietta DELL'AGLIO (éds.). *Vetustis novitatem dare: temi di antichità e archeologia in ricordo di Grazia Angela Maruggi*, Tarente: Scorpione, 2013, p. 81-88.
- HANSEN, Morgens Herman. *Polis et cité-État. Un concept antique et son équivalent moderne*, Trad. Alexandre HASNOAOUI, Paris: Les Belles Lettres, 2001.
- HANSEN, Morgens Herman et NIELSEN, Thomas Heine (éds.). *An inventory of archaic and classical poleis: an investigation conducted by The Copenhagen Polis Centre for the Danish national research Foundation*, Oxford: Oxford University Press, 2004.
- HELLMANN, Marie-Christine *L'architecture grecque. 3, Habitat, urbanisme et fortifications*, coll. *Les Manuels d'art et d'archéologie antiques*, Paris: Picard, 2010.
- JANNI, Pietro. « L'Italia di Strabone: descrizione e immagine », in Gianfranco MADDOLI (éd.). *Strabone e l'Italia antica, Incontri perugini di storia della storiografia antica e sul mondo antico*, 2, 1988, Acquasparta, Naples: Edizioni Scientifiche Italiane, p. 145-159.
- LA GENIÈRE DE, Juliette. « Amendolara », in Giuseppe NENCI et Georges VALLET (éds.). *Bibliografia topografica della colonizzazione greca in Italia e nelle isole tirreniche*, III, siti Abaceno-Bari, Pisa: Scuola normale superiore, 1984, p. 210-214.
- LA GENIÈRE DE, Juliette. *Amendolara: la nécropole de Paladino Ouest*, coll. *Collection du Centre Jean Bérard*, 39, Naples: Centre Jean Bérard, 2012.
- LA TORRE, Gioacchino Francesco. *Sicilia e Magna Grecia. Archeologia della colonizzazione greca d'Occidente*, coll. *Manuali Laterza*, Roma: Laterza, 2011.
- LAFON, Xavier, MARC, Jean-Yves et SARTRE, Maurice. *La Ville antique*, coll. *Histoire de l'Europe urbaine*, 1. *De l'Antiquité au XVIII^e siècle*, Paris: Seuil, 2011.

- LOMBARDO, Mario. « Achei, Enotri, *Italia* », in Emanuele GRECO (éd.). *Gli Achei e l'identità etnica degli Achei d'Occidente, Atti del Convegno Internazionale di Studi*, 2001, Paestum, Paestum: Pandemos, 2002, p. 257-270.
- LOMBARDO, Mario. « La Norma e l'eccesso: la guerra tra Sibari e Crotona e alcuni aspetti della 'Greek way of war' in età arcaica », in Marta SORDI (éd.). *Guerra e diritto nel mondo greco e romano*, coll. *Contributi dell'Istituto di storia antica*, 28, Milan: Vita e Pensiero, 2002, p. 43-67.
- LONGO, Fausto et TAURO, Teresa. *Alle origini dell'urbanistica di Napoli*, Paestum: Pandemos, 2017.
- LUPPINO, Silvana; QUONDAM, Francesco, et alii. « Sibaritide: riletture di alcuni contesti funerari tra VIII e VII sec. a.C. ». *Alle origini della Magna Grecia: mobilità, migrazioni, fondazioni. Atti del Convegno di studi sulla Magna Grecia*, L, 2010, Tarente, Naples: Istituto per la Storia e l'Archeologia della Magna Grecia, p. 643-682.
- MAASKANT-KLEIBRINK, Madeleine. « The early Athenaiion at Lagaria (Francavilla Marittima) near Sybaris: an overview of its early-geometric II and its mid-7th century BC phases ». *Papers in Italian archaeology. 6. Communities and settlements from the Neolithic to the Early Medieval Period. Proceedings of the 6th conference of Italian archaeology held at the University of Groningen, Groningen Institute of Archaeology, the Netherlands, April 15-17, 2003, BAR. International series, 1452*, 2005, Oxford: Archaeopress, p. 754-772.
- MADDOLI, Gianfranco. « Strabone e l'Italia antica. Dalla genesi della *Geografia* alla problematica dei libri V e VI », in Gianfranco MADDOLI (éd.). *Strabone e l'Italia antica*, 1987, Acquasparta, Naples: Edizioni Scientifiche Italiane, 1988, p. 9-22.
- MARINO, Simone. *Copia/Thurii: aspetti topografici e urbanistici di una città romana della Magna Grecia*, coll. *Tekmeria*, 14, Paestum: Pandemos, 2010.
- MARTIN, Roland. *L'urbanisme dans la Grèce antique*, coll. *Grands manuels Picard*, 2^e éd., Paris: Picard, 1974.
- MERTENS, Dieter. « L'Architettura e l'urbanistica di Metaponto nel quadro dell'economia locale e dell'evoluzione generale nella Magna Grecia ». *Siritide e Metapontino. Storie di due territori coloniali, Cahiers du Centre Jean Bérard*, XX, 1991, Policoro, Naples-Paestum: Centre Jean Bérard, 1998, p. 123-140.
- MERTENS, Dieter. *Città e monumenti dei Greci d'Occidente: dalla colonizzazione alla crisi di fine V secolo a.C.*, Trad. Massimiliano PAPINI, Rome: L'Erma di Bretschneider, 2006.
- MUSTI, Domenico. « L'idea di Megale Hellás ». *Strabone e la Magna Grecia: città e popoli dell'Italia antica*, Padoue: Ed. Programma, 1988, p. 61-94.
- OSANNA, Massimo. *Chorai coloniali da Taranto a Locri: documentazione archeologica e ricostruzione storica*, Rome: Istituto Poligrafico e Zecca dello Stato, 1992.

- PERONI, Renato et TRUCCO, Flavia (éds.). *Enotri e Micenei nella Sibaritide. Magna Graecia, 8*, Tarente: Istituto per la storia e l'archeologia della Magna Grecia, 1994.
- POLLINI, Airton. « Bibliographical note on the study of the territory in Magna Graecia », *Workshop di Archeologia Classica. Paesaggi, costruzioni, reperti*, n° 3, 2006, p. 37-56.
- POLLINI, Airton. « Limites et occupation de l'espace dans les colonies grecques du Sud de l'Italie », in Laurianne Martinez-SÈVE (éd.). *Les diasporas grecques du VIII^e à la fin du III^e siècle av. J.-C.*, coll. *Pallas*, 89, Toulouse: Presses universitaires du Mirail, 2012, p. 123-142.
- POLLINI, Airton. « Introduction: les problèmes de la citoyenneté et de l'exclusion chez les anciens Grecs », in Céline BORELLO et Airton POLLINI (éds.). *Questions d'appartenance: les identités de l'Antiquité à nos jours*, Paris: Éditions Orizons, 2015, p. 21-34.
- POLLINI, Airton. « Représentations de la ville grecque idéale: expériences concrètes et réélaborations », in Myriam CHOPIN et Francesco D'ANTONIO (éds.). *Théâtralisation de l'espace urbain*, Paris: Orizons, 2017, p. 97-120.
- POLLINI, Airton. (prelo) « La contribution de l'archéologie à la question des statuts: espaces funéraires, domestiques et politiques », in Claudia MOATTI et Christel MÜLLER (éds.). *Statuts personnels et espaces sociaux: questions grecques et romaines*, Nanterre: Maison Archéologie & Ethnologie René-Ginouvès
- PONTRANDOLFO, Angela. *I Lucani: etnografia e archeologia di una regione antica*, Milan: Longanesi, 1982.
- PONTRANDOLFO, Angela et D'AGOSTINO, Bruno. « Greci, Etruschi e Italici nella Campania e nella Lucania tirrenica », in Françoise-Hélène MASSA-PAIRAULT (éd.). *Crise et transformation des sociétés archaïques de l'Italie antique au V siècle av. J.-C.*, *Collection de l'École Française de Rome*, 137, 1987, Rome: École Française de Rome, 1990, p. 101-116.
- PRONTERA, Francesco. « L'Italia meridionale di Strabone. Appunti tra geografia e storia », in Gianfranco MADDOLI (éd.). *Strabone e l'Italia antica, Incontri perugini di storia della storiografia antica e sul mondo antico*, 1987, Acquasparta, Naples: Edizioni Scientifiche Italiane, 1988, p. 93-109.
- QUONDAM, Francesco. « La necropoli di Francavilla Marittima: tra mondo indigeno e colonizzazione greca », in Marco BETTELLI, Cecilia DE FAVERI et Massimo OSANNA (éds.). *Prima delle colonie: organizzazione territoriale e produzioni ceramiche specializzate in Basilicata e in Calabria settentrionale ionica nella prima età del ferro*, coll. *Atti delle giornate di studio, Matera, 20-21 novembre 2007*, Venosa: Osanna, 2009, p. 139-178.
- QUONDAM, Francesco. « La Sibaritide prima e dopo la fondazione di Sibari », in Lieve DONNELLAN, Valentino NIZZO et Gert-Jan BURGERS (éds.). *Contexts of early colonization*, coll. *Acts of the conference "Contextualizing early colonization: archaeology, sources, chronology and interpretative models*

between Italy and the Mediterranean", vol. 1. Papers of the Royal Netherlands Institute in Rome, 64, Roma: Palombi, 2016, p. 247-257.

- ROUVERET, Agnès. « De la cité grecque à la ville lucanienne: images féminines et signes d'identité "citadine" à Poseidonia-Paestum », in B ANDENMATTEN, P BADINOU, *et alii* (éds.). *Lieux de mémoire antiques et médiévaux. Texte, image, histoire: la question des sources, a contrario*, 2012, p. 113-139.
- SCHMIEDT, Giulio et CHEVALLIER, Raymond. « Caulonia e Metaponto. Applicazione della fotografia aerea in ricerche di topografia antica nella Magna Grecia », *L'Universo*, 2-5, 1959
- SCHMIEDT, Giulio et CHEVALLIER, Raymond. « Photographie aérienne et urbanisme antique en Grande-Grèce: Caulonia, Métaponte », *Revue Archéologique*, 1, 1960, p. 1-31.
- SHIPLEY, Graham. « Little boxes on the hillside: Greek town planning, Hippodamos, and polis ideology », in Morgens Herman HANSEN (éd.). *The imaginary polis*, coll. *Acts of the Copenhagen Polis Centre*, 7, Copenhagen: Copenhagen polis center, 2005, p. 335-403.
- STAZIO, Attilio. « Osservazioni sulla monetazione di Metaponto ». *Metaponto, Atti del Convegno di studi sulla Magna Grecia*, XIII, 1973, Tarente, Naples: Istituto per la Storia e l'Archeologia della Magna Grecia, 1975, p. 67-106.
- TRÉZINY, Henri. « Lots et îlots à Mégara Hyblaea. Questions de métrologie ». *La Colonisation grecque en Méditerranée occidentale. Actes de la rencontre scientifique en hommage à Georges Vallet*, coll. *Collection de l'École Française de Rome*, 251, Rome: École Française de Rome, 1999, p. 141-183.
- TRÉZINY, Henri. « Urbanisme et voirie dans les colonies grecques archaïques de Sicile orientale », *Pallas. Revue d'études antiques*, 58, 2002, p. 267-282
- VALLET, Georges. « Topographie historique de Mégara Hyblaea et problèmes d'urbanisme colonial », *MEFRA*, 85, 2, 1983, p. 641-647.
- VASSALLO, Stefano. *Himera, città greca: guida alla storia e ai monumenti*, Palermo: Regione siciliana, 2005.
- WEBER, Berthold F. « Der Stadtplan von Milet. Einhundert Jahre Stadtforschung ». *Frühes Ionien: eine Bestandsaufnahme, Milesische Forschungen*, 5, 2007, Mainz am Rhein: Ph. von Zabern, 1999, p. 327-362.

FIGURAS

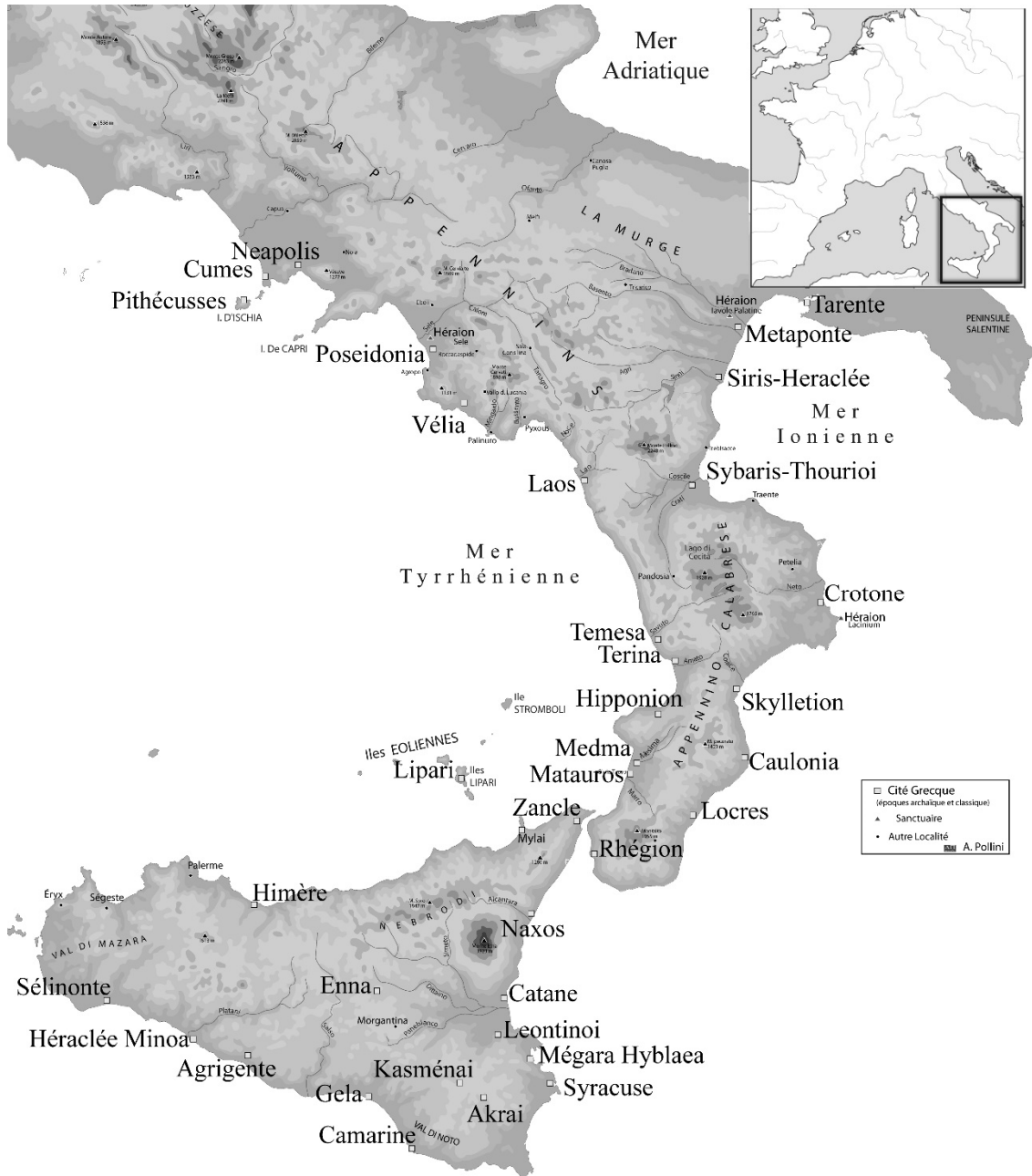


Figura 01: Mapa da Magna Grécia e da Sicília. © Airton Pollini

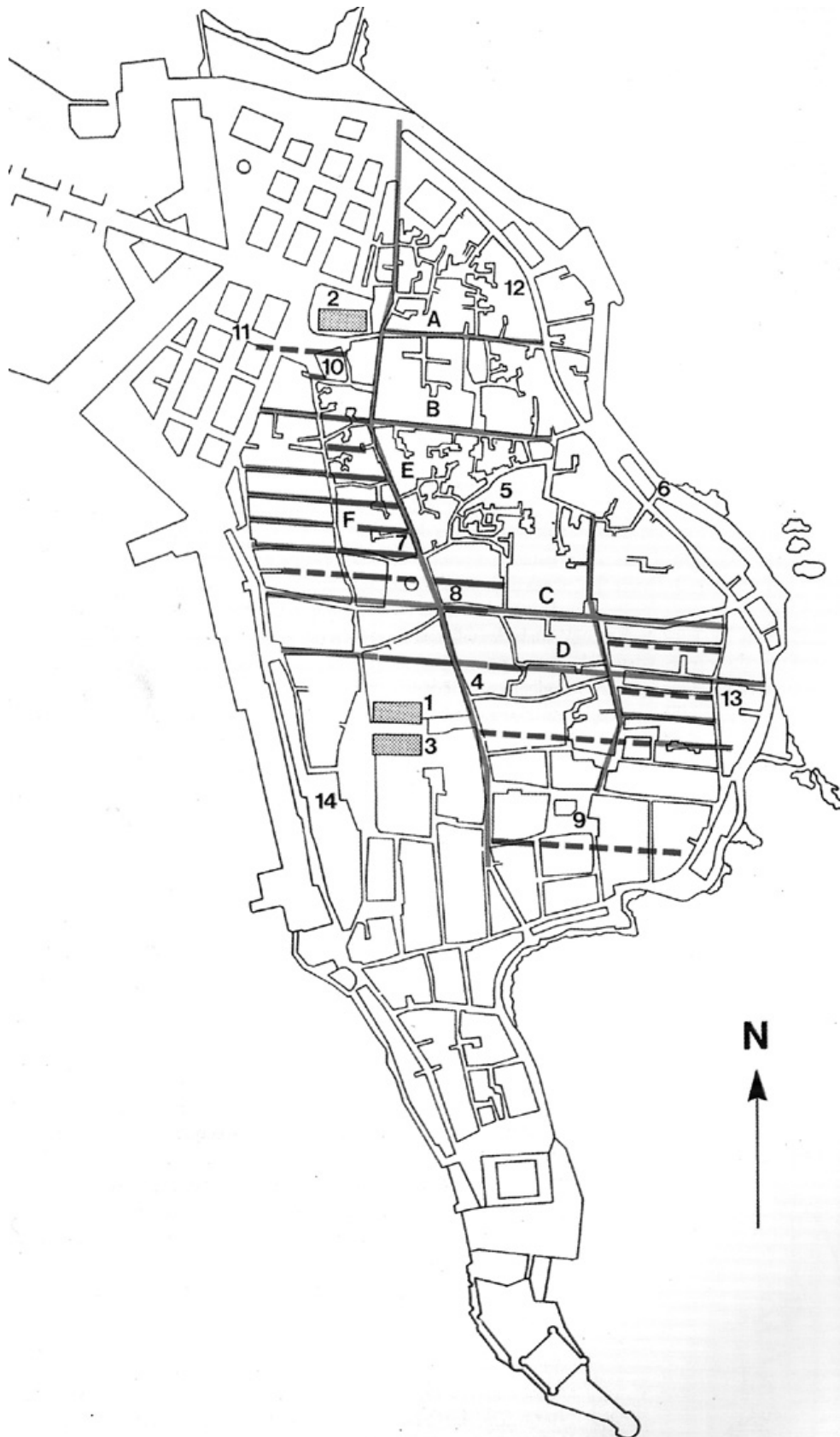


Figura 02: Plano urbano da ilha de Ortígia, Siracusa. De Grecs en Occident: de l'âge mycénien à la fin de l'hellénisme, sob a direção de G. Pugliese Carratelli, publicado por ocasião da exposição "I Greci in Occidente" no Palazzo Grassi, Veneza, Bompiani, 1996, p. 271.

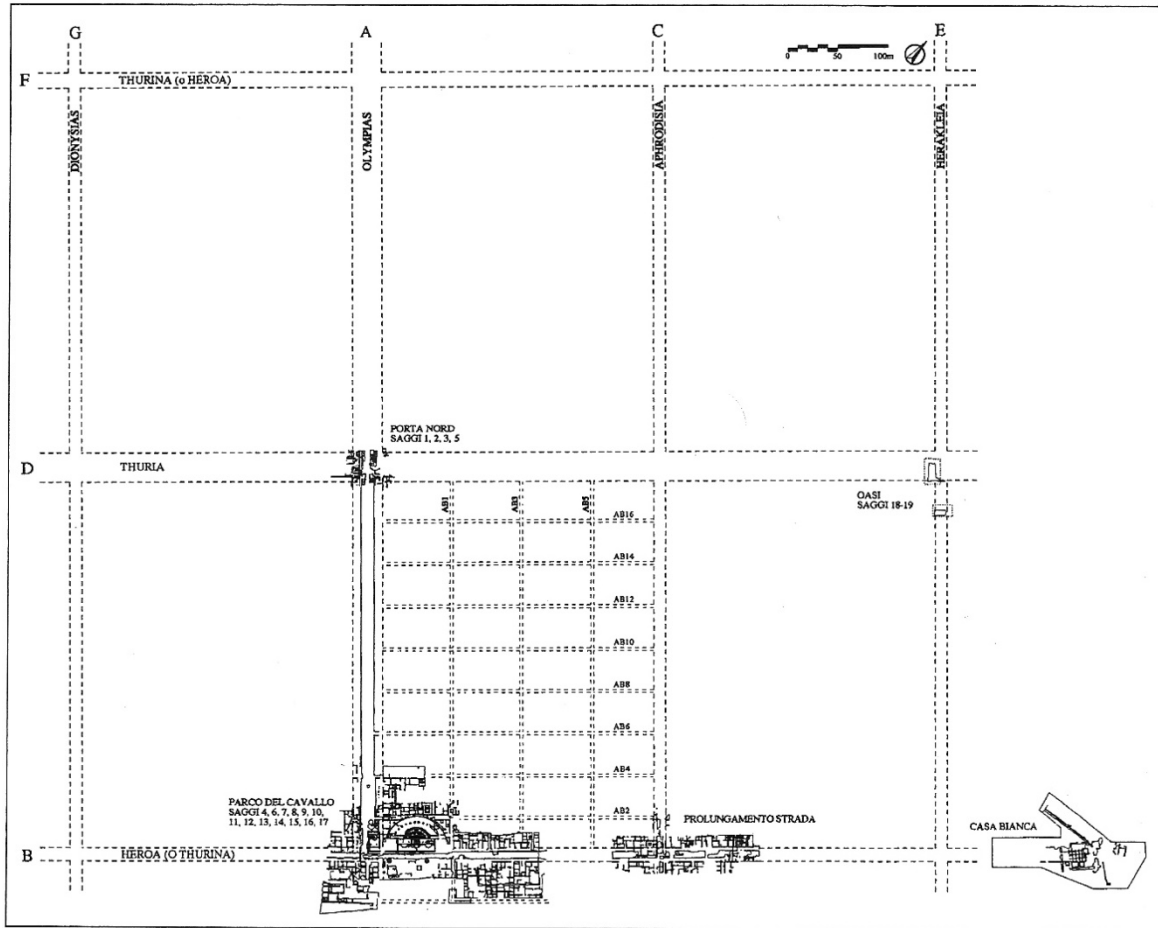


Figure 9.4 Reconstruction of the urban layout of Thourioi.

Figura 03: Reconstrução do plano urbano de Túrio. De E. Greco, Urban plan of Thourioi: literary sources and archaeological evidence for a Hippodamian city. IN: Owen, S.; Preston ; L. (org.). Inside the city in the Greek world: studies of urbanism from the Bronze Age to the Hellenistic period. Oxford: Oxbow books, 2009, fig. 9.4.

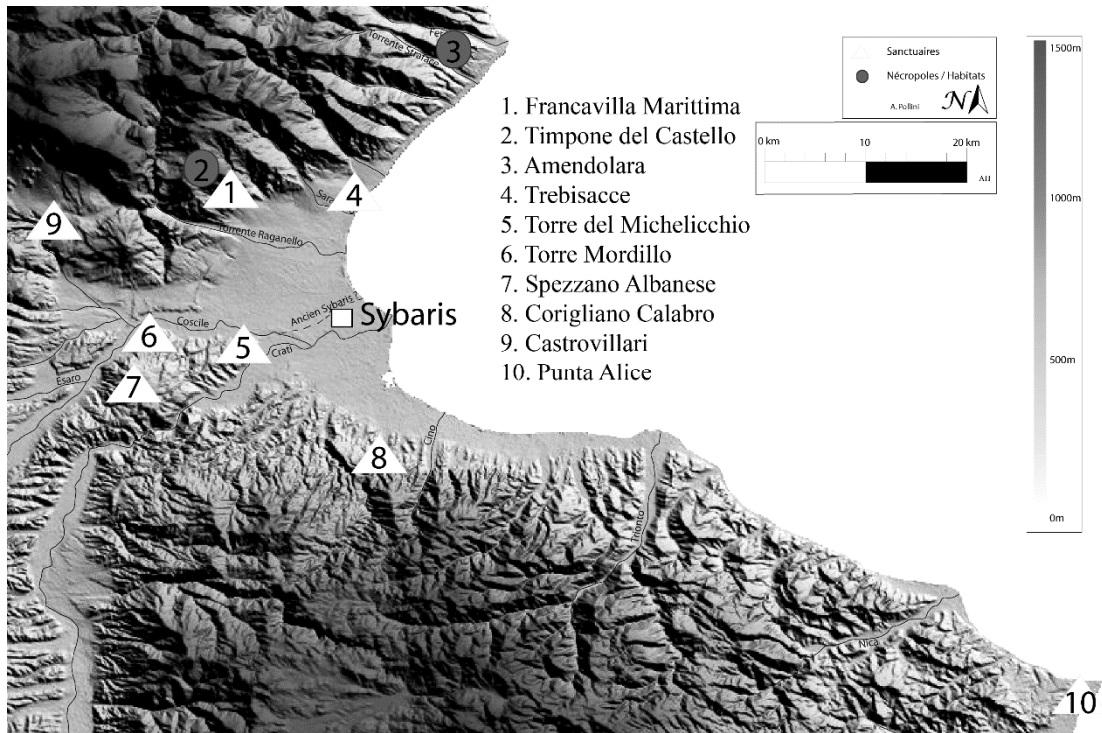


Figura 04: Mapa do território de Síbaris, com a indicação dos principais sítios extra-urbanos da colônia.
 © Airton Pollini.



Figura 05: Mapa com a divisão regular do espaço rural de Metaponte. De Hellmann, M.-Chr. L'architecture grecque. Vol. 3: Habitat, urbanisme et fortifications. Paris, Picard, 2010, fig. 286.

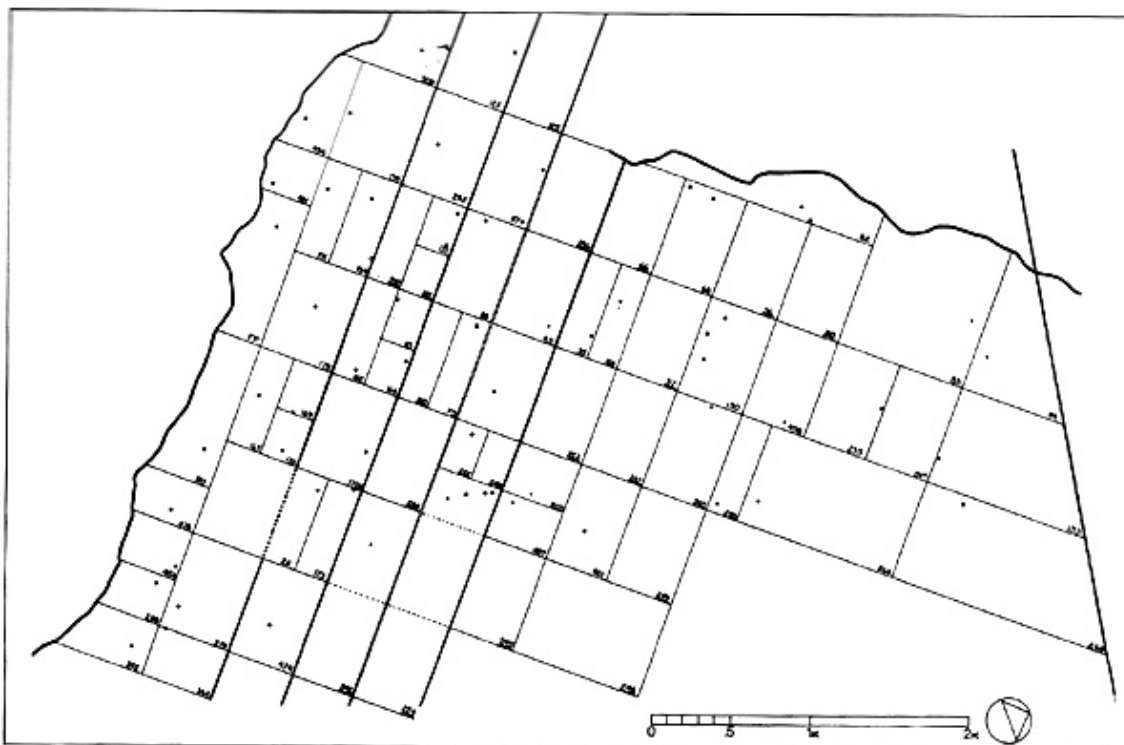


Figura 06: Lotes de terreno de Metaponto. De Grecs en Occident: de l'âge mycénien à la fin de l'hellénisme, sob a direção de G. Pugliese Carratelli, publicado por ocasião da exposição "I Greci in Occidente" no Palazzo Grassi, Veneza, Bompiani, 1996, p. 247.



Figura 07: Cunhagem de prata de Metaponto representando uma espiga de cevada. De Grecs en Occident: de l'âge mycénien à la fin de l'hellénisme, sob a direção de G. Pugliese Carratelli, publicado por ocasião da exposição "I Greci in Occidente" no Palazzo Grassi, Veneza, Bompiani, 1996, p. 225.

Recebido em: 23/07/2017

Aprovado em: 04/09/2017

Publicado em: 24/06/2018

Submitted in: 23/07/2017

Approved in: 04/09/2017

Published in: 24/06/2018
